



FEMINISMO E ANTIPATIZANTES: MUDANÇAS CORROBORADAS, MOVIMENTOS E AGENTES REFUTADAS

Lady Selma Ferreira Albernaz¹
Karla Galvão Adrião²

Introdução

Simone de Beauvoir inicia o *Segundo Sexo* referindo-se a querela sobre feminismo e, de certa forma, parece repudiar uma aproximação do termo ou do movimento levado pelas socialistas e liberais durante os 100 anos que antecederam a publicação desta sua obra.

Pois bem, seria a hora de perguntar, este panorama mudou? Os termos “feminismo” e “feministas” tornaram-se mais simpáticos ou a antipatia continua? Esta questão nos inspirou a reunir e comparar duas pesquisas distintas, concluídas em 1996 e em 2008, para discutirmos a aceitação das mudanças recentes nos valores e nas relações de gênero, que re-configuraram posições e poderes das mulheres na sociedade, e permanência de uma “antipatia” ao feminismo e às feministas.

Para tanto o trabalho está dividido em duas partes: a primeira apresenta um recorte dos resultados da pesquisa de 1996³. Ela mostrou haver uma aceitação das mudanças recém conquistadas pelas mulheres na sociedade, especialmente no trabalho e na divisão de trabalho doméstico, simultânea à negação das feministas e dos seus movimentos. Poucas pessoas consideravam a mudança como sendo uma conquista das feministas, sendo que o limite para elas acontecerem era manter uma “essência” do feminino e do masculino, que orientava as relações de intimidade (família, namoro, casamento). A segunda parte baseia-se em partes dos resultados da pesquisa de 2008⁴. Ela enfoca os impasses entre as “jovens” e as “velhas” feministas sobre uma pauta de reivindicações, a qual parece refletir, na parte das jovens, a defesa de valores de gênero

¹ Doutora em Ciências Sociais Universidade Estadual de Campinas, Professora Departamento de Antropologia e Museologia, Universidade Federal de Pernambuco (ls.albernaz@uol.com.br).

² Doutora em Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, Professora Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco (galvaoadriao@gmail.com).

³ ALBERNAZ, Lady Selma F. *Feminismo, porém até certo ponto...* Recife, Dissertação de Mestrado em Antropologia, UFPE, 1996. Disponível em http://www.ppga.ufpe.br/dissertacoes/dissertacao_13.pdf

⁴ ADRIÃO, Karla Galvão. *Encontros do Feminismo - Uma análise do campo feminista brasileiro a partir das esferas do movimento, do governo e da academia.* Tese de Doutorado. Doutorado interdisciplinar em Ciências Humanas – DICH. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2008, 301 p.



que não são percebidos como sustentando desigualdades, embora haja descontinuidades no pensamento das mesmas. Uma recuperação ou continuidade de valores de feminilidade se faz necessária para que o feminismo se torne “simpático”. Em conclusão apontamos algumas reflexões comparativas entre os dois escopos de dados, que apesar de distantes temporalmente, evidenciam impasses relativos ao que devemos ou não mudar nas relações de gênero, especialmente definições subjetivas de homem e mulher.

*Razões de antipatia: porque se teme o feminismo...*⁵

Entre os finais dos anos 1980 e início da década de 1990 eu era feminista declarada. Neste meio tempo passei da graduação em Ciências Sociais para o Mestrado em Antropologia, ambos na UFPE. O que ouvia nos corredores eram comentários irônicos sobre o movimento feminista e suas integrantes (divide a luta de classes ou as feministas são chatas, as feministas são mal-amadas, são lésbicas etc). Ainda eram poucas as pessoas que se dedicavam aos estudos da mulher na universidade, o termo gênero (que hoje engloba estes estudos) era praticamente desconhecido. Por sua vez, os rapazes não queriam ser taxados de machistas, e as meninas queriam viver sua sexualidade com liberdade e não queriam machistas perto de si. Todas almejavam sucesso profissional e felicidade afetiva. O que parecia compartilhado pelos rapazes no momento de escolher namoradas ou cônjuges – elas deveriam trabalhar e ter segurança emocional.

Foi por isso que desenhei uma pesquisa onde iria investigar a trajetória profissional, divisão de atividades doméstica e aspectos da vida afetiva (namoro, casamento) de homens e mulheres, estudantes dos Mestrados de Física e História para compreender se eles concordavam ou não com as idéias defendidas pelo feminismo e como percebiam este movimento. Bem como quais eram seus ideais para as relações de namoro e casamento e vida profissional.

Os resultados encontrados foram muito curiosos. As mulheres todas queriam construir uma carreira profissional tal como os homens. Porém as mulheres da Física somente escolheram a profissão porque foram estimuladas por professores do segundo grau que consideravam seu desempenho em matemática excepcional. Os homens não relataram esta exigência e este tipo de estímulo. Isto decorria da física ser associada aos homens e exigir conhecer matemática que para

⁵ A partir deste momento utilizaremos a primeira pessoa, como forma de manter a narrativa de cada uma das duas autoras, sobre suas experiências de pesquisas. Nas conclusões retomamos a primeira pessoa do plural.



as mulheres somente ocorre como um “dom”. Na perspectiva da escola, homens sabem matemática, as mulheres dominam bem a linguagem, daí direcionando seus possíveis futuros acadêmicos e profissionais⁶.

Na História a escolha profissional se dava de forma semelhante para homens e mulheres. Um tipo de vocação e gosto pelo tema, que independia de ter um dom especial, a não ser gostar de História. As trajetórias de formação acadêmica sofriam interrupções no campo da história, mas não no campo da física. Entre as pessoas da história as razões para interromper podiam decorrer do casamento, nascimento de filhos, ingresso no mercado de trabalho, etc. Dessa forma descobri que a trajetória da física, por ser vista como masculina deve ser linear – o que é seguido por homens e mulheres. No caso delas não há interrupções pelo casamento ou prole. A história é considerada adequada para homens e mulheres e permitia uma trajetória mais flexível, com entradas e saídas do mundo acadêmico para ambos e feito por ambos.

Em conclusão percebi que a trajetória profissional dependia da classificação da profissão por gênero. Profissões masculinas são lineares e as trajetórias de homens e mulheres parecem semelhantes. Profissões de classificação neutra podem ter trajetórias descontínuas o que é seguido também por homens e mulheres. São mais assemelhadas ao tipo de trajetória das mulheres que sofre interrupções em correlação com o ciclo de desenvolvimento doméstico (casamento, nascimento de filhos, etc) (Albernaz, 1996).

Mudando para o campo do trabalho doméstico há uma classificação de tarefas masculinas e femininas. É feminino cuidar da casa, incluindo os cuidados com roupas, alimentação, higiene, educação escolar e boas maneiras da prole, administrar empregadas etc. É masculino lidar com os consertos domésticos e tratar com os prestadores destes serviços, levar a prole na escola e oferecer-lhe lazer e brincadeiras. Esta divisão implicava em investimento de tempo nestas atividades maior para as mulheres do que para os homens. Uma recusa de tarefas femininas pelos homens mais do que o inverso.

No campo afetivo as mulheres cuidam da relação, discutem e apontam os problemas. Os homens oferecem oportunidades de lazer e divertimento. As mulheres devem compreender o investimento deles na carreira, acompanhá-los quando precisam se mudar, etc. As mulheres precisam convencer os homens que elas gostam do seu trabalho, que precisam de tempo para

⁶ Ver para esta questão SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru-SP, EDUSC, 2001



carreira, são cobradas se deixam pouco tempo para eles. Há uma separação de mulheres para casar e mulheres para aventuras sexuais. Mas ambos, homens e mulheres, concordavam que elas tinham direito a profissionalização, investir na carreira, mas isto deveria ocorrer sem romper com as expectativas da divisão das tarefas domésticas de cuidado com a casa e membros da família e dos parceiros em particular. Casar não interferia na trajetória dos homens da mesma forma que interferia na trajetória das mulheres⁷.

Todos e todas que participaram da pesquisa concordavam que havia tido mudanças positivas na vida das mulheres, destacadamente a vida profissional, que lhes dava independência financeira, realização pessoal e de certa forma mais inteligência para serem boas companheiras dentro do casamento. Todos e todas pareciam assustados que pudesse haver mudanças no que consideravam símbolos, significados e valores centrais para definir o que era ser homem e ser mulher. Ou seja, as características de feminilidade e de masculinidade relativas à constituição das subjetividades e da pessoa não podiam ser alteradas.

Esta forma de perceber as mudanças nas suas próprias vidas em relação às gerações passadas me levou a concluir; que 1) no trabalho quase não havia impedimentos para a mudança, sendo que para as mulheres continuava sendo mais difícil conciliar vida afetiva com a profissão, mais ainda para aquelas que estavam numa profissão considerada masculina; 2) na vida doméstica e particularmente a vida afetiva pouco havia mudado. As mulheres permaneciam encarregadas de manter a casa em ordem e cuidar das relações do casal. Os homens aumentaram sua participação nas atividades domésticas, porém continuavam pouco preocupados com discussões sobre impasses na vida afetiva.

No que se refere ao ideário feminista, outro tema que investiguei, quase todas as pessoas já tinham ouvido falar sobre o tema. Frequentemente pela imprensa. Sabiam que este movimento e suas integrantes reivindicavam as mudanças que estavam sendo experimentadas por eles e elas em suas vidas. Isto ocorria mais entre as mulheres e os homens da física, do que entre as mulheres e os homens da história. Portanto, em História havia mais rejeição ao reconhecimento do feminismo como agente de mudança das relações de gênero do que entre as pessoas que cursavam o Mestrado de Física. Mas aqui há um ponto em comum entre ambos. Concordavam

⁷ Schiebinger (2001) apresenta conclusões semelhantes e postula que a ciência se desenvolve às custas do trabalho das mulheres em casa, que desenha a imagem do cientista homem, com ar meio alheio ao mundo real, que tem em casa uma mulher que cuida dele e dos filhos.



com mudança no campo do trabalho, mas recebavam a mudança no ideal de feminilidade e de masculinidade. Talvez, por isso no campo profissional as mudanças eram mais evidentes e mais raras na divisão das atividades domésticas e na escolha das parcerias afetivas.

Este tipo de pensamento parece ligado a uma outra classificação postulada pelas pessoas que entrevistei, qual seja: 1) Há um feminismo bom, (quando se aceita que ele promove a mudança) que propõe mudanças graduais e não disputam poder. Neste movimento é como se não existissem as feministas, é quase uma decorrência espontânea da mudança mais geral da sociedade. É um feminismo sem agentes; 2) Há um feminismo mau, quando ele quer mudanças rápidas, disputa pelo poder – aponta a dominação masculina. E que deseja alterar a definição de masculinidade e de feminilidade. Este movimento é feito pelas feministas. Aquelas que são consideradas mal-amadas, feias e lésbicas. Ou seja, aquelas que publicamente alteram as definições de feminilidade que as mulheres devem procurar ter para serem o tipo mais valorizado e ideal de mulher. Qual seja, a mulher que compreende, que é compassiva, que não disputa poder nem autoridade com os homens.

Por isso, como estas definições de gênero são as mais profundas no nível de constituição das subjetividades, são elas as que elaboram sentidos para ser identificada e também para se identificar, e talvez por isto, foi onde menos houve mudança no ocidente⁸. São também as definições cujas justificativas empregadas são a sua relação com a natureza, com a anatomia (corpo forte e fraco), com os hormônios (mais e menos emoção), que fazem homens e mulheres serem o que são e não a forma como se define historicamente os conteúdos de gênero para preenchê-los.

Assim o feminismo existente é antipático, teve pouca e, no limite, nenhuma importância para a mudança social que todos desejam, desde que ela ocorra somente *até certo ponto*. Ao que parece, continuamos assombrados e assombradas pelas mudanças de gênero que impliquem em alterações na subjetividade e no que consideramos fundamental para definir o que é ser um homem ou uma mulher na sociedade brasileira. Estas considerações aparentemente são corroboradas na pesquisa de Adrião (2008).

⁸ Ver para tanto Segato 1997, artigo cujas conclusões, ao meu ver, continuam atuais. SEGATO, Rita Laura. Os percursos do Gênero na Antropologia e para além dela, **Sociedade e Estado**, v. XII, n. 2, 1997.p. 235–262.



Jovens feministas: há uma atualidade das lutas feministas e um “sentido” para os princípios feministas?

Esta parte do nosso texto articula como se apresentam as demandas e agendas da juventude no âmbito do movimento feminista Brasileiro, a partir da análise de discursos de representantes do movimento de jovens feministas nacional, entre os anos de 2005 e 2006 (Adrião, 2008). A intenção aqui é a de refletir sobre a provocação de se *há uma atualidade das lutas feministas e um sentido para os princípios feministas*.

O movimento de jovens feministas encontra-se em fase de consolidação nas arenas de representação e debate das agendas e questões pertinentes ao movimento feminista e de mulheres no Brasil, estudar seu impacto dentro do movimento como um todo pode auxiliar a entender algumas das relações entre gênero, feminismo e disputas internas com relação à legitimidade de sujeitos feministas. Autodenominadas de “Articulação Brasileira de Jovens Feministas”, desde 2006, este coletivo vem colocar em xeque a existência de discursos “adultocêntricos” nas arenas feministas nacionais, apontando questões de saber e poder.

Entendendo que há uma inquietação quanto a atualidade do movimento, o interesse de jovens pode ser um bom “termômetro” para indicar quais as demandas e como é percebido o feminismo, tendo em vista este interesse poder sinalizar uma intenção por sua continuidade. As jovens feministas apareceram, principalmente desde 2003, no espaço do Fórum Social Mundial, como grupo que vinha se consolidando nos espaços feministas. Através de suas demandas é possível pensar algumas tensões pelas quais os movimentos feministas no Brasil passavam, especialmente a relação teoria-prática. Ou seja, como alguns ‘valores de gênero’ – nas relações de poder – apareciam dentro do movimento e na relação entre o movimento e a sociedade, tendo em vista o permanente embate que as questões feministas provocam (des)construindo e (des)normatizando desigualdades (Butler, 1998, 2003; Haraway, 2009).

A participação política das jovens tem se constituído em um grande desafio. De acordo com falas das próprias integrantes do movimento elas não encontravam espaço de constituição autônoma nem no movimento feminista, tampouco nos movimentos juvenis. No primeiro, aquelas que se aproximaram ficaram por muito tempo sem ocupar espaços de liderança, pois mesmo que por vezes fossem percebidas como herdeiras das conquistas do feminismo, em geral eram vistas



como inexperientes, condição que só seria alterada se as “feministas históricas”⁹ não estivessem ocupando a liderança no movimento. Com relação aos movimentos juvenis a crítica que se faz é a de que as jovens exercem funções na base ou no trabalho operacional, tendo muito poucas, ou quase nenhuma, chegada a ocupar lugares de liderança e poder. Esta crítica é reforçada em outros trabalhos sobre jovens feministas no Brasil, como o de Julia Zanetti (2008). A autora comenta, baseada em Araújo (2001), que

Esta situação que vem se alterando nos últimos anos. No início dos anos 2000, coletivos de jovens mulheres começam a aparecer no cenário nacional. Este é o caso do Fórum Cone Sul de Mulheres Jovens Políticas – Espaço Brasil, que começa a ser articulado em 2001 pela Fundação Friedrich Ebert – FES, possivelmente a primeira articulação nacional exclusivamente voltado para este público. Também conhecido como Forito, esta é uma articulação de jovens que atuam em diferentes organizações, movimentos e espaços políticos. 10

Esta Fundação já promovia fóruns como esse em outros países da América Latina, entretanto no Brasil, o crescimento da participação da juventude se consolidou a partir do encontro no Fórum Social Mundial em 2003.

Após este momento, grupos nos diversos estados brasileiros começaram a se organizar e a preparar uma estruturação que permitisse entrada nos espaços feministas a partir de um lugar de fala que marcasse a dimensão da geração – a juventude – como aporte. Este encontro se deu efetivamente no 10º Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, ocorrido em outubro de 2005, em São Paulo.

As dimensões do crescimento da participação da juventude no movimento feminista não podem ser avaliadas sem ter em mente o que aconteceu durante este encontro, no qual 25% das participantes eram mulheres com menos de 30 anos (Adrião, 2008; Adrião e Toneli, 2008, Zanetti, 2008). Além de participarem como integrantes e na organização do evento, as jovens feministas trouxeram para o 10º Encontro suas próprias questões, demarcando um campo de reivindicações coletivas – organizadas em um segmento – que nenhuma outra geração jovem anterior havia reivindicado. Segundo fala de uma jovem feminista, sobre o 10º Encontro, neste deveria

“Ser necessário não construir espaços adultocêntricos e verticais, garantir que as mais diversas jovens expressem suas necessidades e apreensões dentro do processo, além de se trabalhar conjuntamente nos movimentos de juventudes e feministas, sem deixar de pensar, considerando as inter-relações com as demais

⁹ Categoria êmica.

¹⁰ Zanetti, Julia Jovens Feministas: um estudo sobre a participação juvenil no Feminismo. In: **Anais Fazendo Gênero 8**, Florianópolis, SC, 2008., p.08.



identidades, raça/etnia, classe social, condições sócio-geográficas, culturais e orientações sexuais (Fernanda Grigolin)¹¹”.

A importância das jovens é inegável. Traz à tona a existência de uma hierarquia interna do movimento, na qual quem tem mais tempo ali, ou seja, as “históricas”, tem mais poder. Esta evidência, aparentemente óbvia, fundamenta parte das reivindicações das jovens e faz emergir as formas pelas quais as relações de poder baseiam-se. Além disso, vem questionar o nível de participação, a igualdade de participação e de poder decisório quanto a pautas, já que propõe temas de debate que nem sempre estão na ordem do dia para o movimento, como a preocupação com a concepção e contracepção do ponto de vista da idade fértil e do direito de ter filhos e creches; e a participação “igual” para jovens e “históricas”¹². Também levantam a questão da participação de homens no movimento, concordando em alguns casos com a presença deles nas reuniões de jovens feministas.

Questiona-se a “dupla função” que as jovens feministas apresentam, para o movimento como um todo, qual seja, a de incomodar os saberes e poderes instituídos, trazendo ares de “renovação”. Ou seja, havia um entusiasmo na recepção a elas, e também um certo incômodo em aceitá-las enquanto segmento, com especificidades. O ponto central do incômodo, segundo as demais integrantes do movimento era a não especificidade de pautas, enquanto que para as jovens feministas, haveria a evidência de um discurso adultocêntrico, demarcado nos espaços feministas. Estas duas posições, longe de serem simples e óbvias, possuem complexidades e alguns desdobramentos que pretendemos abordar neste momento.

As questões em torno do segmento das jovens feministas no movimento levantam um **paradoxo** reforçando a existência da diferença sexual (SCOTT, 2002), a partir da afirmação de que são feministas e mulheres, unindo-se, dessa forma ao todo do movimento. Além disso, esse paradoxo também é evidenciado ao afirmarem a diferença no interior do movimento, ao trazerem mais uma desigualdade que se encontrava na margem, a de geração, portanto situada e específica para o todo do movimento feminista.

Além disso, percebe-se que há uma disputa por legitimidade e poder nas relações entre diversos segmentos, e mais ainda, há uma disputa geracional que aparece “sem querer ser

¹¹ Jovem feminista, Disponível em: ADRIÃO, Karla Galvão (2008) Encontros do Feminismo - Uma análise do campo feminista brasileiro a partir das esferas do movimento, do governo e da academia. Tese de Doutorado. Doutorado interdisciplinar em Ciências Humanas – DICH. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 301 p.

¹² Termo êmico.



nomeada”. Neste termos, Ana (líder do movimento no Brasil) diz que colocar o nome “jovem” antes do nome feminista revela uma demarcação de visibilidade:

“Ou seja, somos jovens feministas sim e mesmo com toda a ambigüidade que este discurso traz em si, colocamo-nos enquanto segmento dentro do movimento feminista mais amplo (Ana¹³)”.

O impacto das jovens feministas também se faz na tensão entre elas e outros movimentos juvenis. Ao afirmarem o feminismo como dimensão fundamental da prática dos movimentos e dos projetos de “um outro mundo possível”, elas questionam alguns mitos que circulam no senso comum a respeito do feminismo, tais como “ que o feminismo não é mais necessário enquanto corrente de pensamento pois as mulheres já conquistaram os espaços públicos e de poder”, o de que “ as feministas fazem um movimento contra os homens, e que “ são mal-amadas”. Fazer a crítica a estas visões deturpadas da realidade social, buscando consolidar o feminismo e suas ações em espaços não feministas, não é tarefa fácil, e tampouco seria mais fácil entre jovens do que entre ‘adultos’, como poderiam fazer pensar as freqüentes naturalizações da rebeldia da juventude e o mito de que todo jovem tem ‘a cabeça aberta’. Os impasses entre as jovens feministas e as “velhas” feministas sobre uma pauta de reivindicações parece refletir entre as jovens a defesa de valores de gênero, que uma parte delas não percebe como sustentando desigualdade, embora haja descontinuidades no pensamento das mesmas. Uma recuperação ou continuidade de valores de feminilidade se faz necessária para que o feminismo se torne “simpático”.

Portanto, os percursos deste “novo” segmento auxiliam a compreender as dinâmicas discursivas pelas quais se produzem sujeitos legítimos, com demandas aceitas dentro do contexto feminista, além de tornar possível a continuidade de um projeto societário feministas para as novas gerações, dentro e fora do movimento feminista.

Em conclusão

Ainda que sejam distintas as ênfases das duas pesquisas nas análises do feminismo é possível perceber aspectos em comum no que se refere a um ideário de gênero que continua valendo para orientar as práticas das mulheres em especial. As jovens feministas apontam para o

¹³ Entrevista para tese de doutorado. ADRIÃO, Karla Galvão (2008) Encontros do Feminismo - Uma análise do campo feminista brasileiro a partir das esferas do movimento, do governo e da academia. Tese de Doutorado. Doutorado interdisciplinar em Ciências Humanas – DICH. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 301 p.



feminismo os impasses relativos à maternidade – núcleo que parece continuar central – nas definições do que é ser mulher. Na medida em que as feministas históricas podem ter ultrapassado a “barreira reprodutiva” encontram maior conforto em se distanciar desse debate. As jovens feministas, que as enfrentam, não conseguem encontrar ainda práticas que sustentem uma reprodução corresponsável, sem prejuízos para as mulheres (como a responsabilidade com a prole, ou o ônus de um aborto na falha dos métodos utilizados para evitar uma gravidez). Da mesma forma, como os sentidos sobre as feministas ainda são fortemente negativos, as jovens feministas parecem ter como estratégia trazer os homens para o movimento, mas entretanto tem que se defrontar com o fato de que fora do movimento feminista as desigualdades de gênero que prejudicam as mulheres permanecem. É duvidoso que uma aliança de homens interna ao movimento sirva para superar ambos os impasses. O que parece certo ainda afirmar é que o temor ao feminismo permanece, ainda que se corrobore uma igualdade de direitos no espaço público para homens e mulheres, ainda longe de serem alcançados e mais ainda no que se refere às relações afetivas pautadas, de forma nem sempre consciente por “essências femininas que cheiram a naftalina” (com o perdão da péssima ironia).

Bibliografia

ADRIÃO, Karla Galvão and TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Por uma política de acesso aos direitos das mulheres: sujeitos feministas em disputa no contexto brasileiro. *Psicol. Soc.* [online]. 2008, vol.20, n.3, pp. 465-474. ISSN 0102-7182. doi: 10.1590/S0102-71822008000300017

ADRIÃO, Karla Galvão. *Encontros do Feminismo - Uma análise do campo feminista brasileiro a partir das esferas do movimento, do governo e da academia*. Tese de Doutorado. Doutorado interdisciplinar em Ciências Humanas – DICH. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2008, 301 p.

ALBERNAZ, Lady Selma F. *Feminismo, porém até certo ponto...* Recife, Dissertação de Mestrado em Antropologia, UFPE, 1996. Disponível em http://www.ppga.ufpe.br/dissertacoes/dissertacao_13.pdf

ALVAREZ, Sonia, ET alli Um outro mundo (também feminista...) é possível: construindo espaços transnacionais e alternativas globais a partir dos movimentos. *Revista de Estudos Feministas*, 7(1-2), 533-540. 2003.

BEAUVOIR, Simone de. *Segundo sexo. 1. Fatos e Mitos*. (6ª ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.



GIOVANNI, Julia. D. Ruiz. Jovens, feministas, em movimento: a marcha mundial das mulheres no III acampamento intercontinental da juventude. In: *Revista Estudos Feministas*, vol. 11, n. 02, 2003, PP. 655-660.

GROSSI, Mirian. P. Velhas e novas feministas no Brasil. *Antropologia em Primeira mão*, 28., 1998.

SCHIEBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* Bauru-SP, EDUSC, 2001

SCOTT, Joan *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

SEGATO, Rita Laura. Os percursos do Gênero na Antropologia e para além dela, *Sociedade e Estado*, v. XII, n. 2, 1997.p. 235–262

ZANETTI, Julia Jovens Feministas: um estudo sobre a participação juvenil no Feminismo. In: *anais Fazendo Gênero 8*, Florianópolis, SC, 2008., p.10.